



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13486 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

ARQUIVOS DO CPDOC COMO POSSIBILIDADES DE PESQUISA DE MULHERES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Naiana Lopes Pimentel - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Daise Silva dos Santos - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

ARQUIVOS DO CPDOC COMO POSSIBILIDADES DE PESQUISA DE MULHERES NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ^[1]

Resumo: Perscrutar os arquivos pessoais de algumas mulheres disponibilizados pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) a fim de apresentar possibilidades de pesquisa para o campo da História da Educação é o objetivo do presente trabalho. Em 2020, o CPDOC disponibilizou a consulta virtual ao acervo de nove mulheres, dentre elas: Almerinda Farias Gama (1899-1992), Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971) e Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975). Para tal, dialogamos com estudos das Histórias das Mulheres, nos quais cabe destacar Raquel Soihet e Joana Maria Pedro. Para abordar esses arquivos, trazemos a discussão autores que trataram arquivos femininos como Ayda Garrido e Monteiro e et. al.. A partir desta investigação foi possível conhecer um pouco da biografia dessas mulheres, mapear pesquisas sobre elas, apresentar os arquivos disponibilizados e algumas possibilidades de pesquisa a partir deles.

Palavras-chave: Almerinda Farias Gama, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Rosalina Coelho Lisboa, História das mulheres.

A historiografia recente tem destacado a exclusão que as mulheres sofreram na História do longo do tempo. Essa exclusão foi atribuída, inicialmente, a historiografia positivista, predominante nos séculos XIX e início do século XX, que centrava os seus interesses na história pública e política, privilegiando fontes nas quais as mulheres apareciam muito pouco por conta do papel socialmente a elas relegado ao âmbito do privado. Mais tarde, embora o grupo dos Annales tenha voltado seus interesses para o cotidiano e para as pessoas comuns e ampliado as possibilidades de fontes, os seguidores da corrente marxista, predominante no período, privilegiaram as contradições de classe e não se voltaram para questões femininas.

Em resposta a isso, nas últimas décadas as mulheres vêm sendo objeto de investigação de muitos pesquisadores. Passou-se a questionar o caráter universal atribuído ao sujeito histórico representado na categoria “homem”, ao afirmarem que esse termo representava apenas o homem branco e ocidental (SOIHET E PEDRO, 2007). Ademais, a constituição do campo de estudos de História das Mulheres e Relações de Gênero ampliou consideravelmente as investigações sobre as mulheres na História. Contudo, ainda é muito difícil investigar algumas personagens devido à ausência de fontes, o que Michelle Perrot denominou de “o silêncio dos arquivos” (SOIHET E PEDRO, 2007).

Cerchiaro e Alves (2022) afirmam que, embora tenham se multiplicado os estudos sobre mulheres, pouco tem se problematizado quanto aos impactos desses estudos e o lugar das mulheres nas instituições de guarda da memória, em especial no campo dos arquivos. Segundo as autoras: “Falar de arquivos de mulheres é reconhecer que muitas vezes esses documentos, se encontram dispersos e fragmentados em diferentes instituições ou mesmo relegados à esfera dos arquivos familiares, restritos à consulta pública” (CERCHIARO E ALVES, 2022, p. 14).

Um exemplo de esforço no sentido de disponibilizar materiais para pesquisa sobre mulheres foi realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Em 2020, anunciou que passaria a disponibilizar consulta virtual ao acervo de nove mulheres, entre elas Almerinda Farias Gama, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Rosalina Coelho Lisboa.

Ao ser criado em 1973, o CPDOC tinha o objetivo de abrigar o acervo pessoal de importantes personagens da história política contemporânea brasileira e hoje abriga mais de 2 milhões documentos. Garrido (2022) afirma que dos 230 arquivos pessoais desse acervo, apenas 16 são de mulheres. Diante desse dado gritante, nos informa que a instituição, em 2015, mudou sua política de acervo e incluiu um marcador de gênero visando aumentar o número de arquivos femininos.

Outra questão que chama a atenção é que, conforme Monteiro e et. al. (2019), os arquivos de algumas mulheres chegam aos acervos apenas como anexo ao de homens com os quais elas tinham graus de parentesco, como é o caso do acervo de Delminda Aranha, Luiza

Aranha, Hermínia Collor e Hilda Machado, sob a guarda do CPDOC. Além disso, muitas vezes serviram de interesse apenas como forma de acessar a vida pessoal desses homens, ignorando sua atuação feminina como sujeito político independente (MONTEIRO, COSTA, ALVES e et.al., 2019).

Na História da Educação não é diferente, embora tenham desempenhado papéis significativos na educação, por muito tempo, as mulheres se viram silenciadas e esquecidas como objeto de estudo desse campo. Diante disso, esta pesquisa visa perscrutar alguns arquivos pessoais de mulheres, disponibilizado digitalmente pelo CPDOC, a fim de apresentar possibilidades de pesquisa para o campo da História da Educação. Para isso, elegemos os arquivos de Almerinda Farias Gama, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Rosalina Coelho Lisboa.

Essas mulheres possuem trajetórias distintas, muitas vezes ocupando o lugar histórico de esposas de homens conhecidos e importantes. As fontes disponíveis nesses arquivos podem revelar a ação dessas mulheres em espaços públicos majoritariamente masculinos. Podem evidenciar também estratégias dessas e de outras mulheres para ocupar esses espaços, bem como para ter acesso à educação.

Poetisa e tradutora carioca, nascida em 17 de agosto de 1896, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, foi colaboradora em diversos jornais do Rio de Janeiro, atuou como diretora do suplemento feminino do *Diário de Notícias* e produziu o livro “Quatro pedaços do planeta no tempo do Zeppelin” (1976). Ocupou diversos lugares importantes na vida pública, como: presidência da Associação Brasileira de Educação, fundadora da Casa do Estudante do Brasil (1929), vice-presidência da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e a secretaria do Hospital Pró-Matre. Além disso, foi a primeira mulher a integrar o Tribunal Superior Eleitoral, fazendo parte da mesa apuradora das eleições de 1934. Representou oficialmente o Brasil no XII Congresso Internacional de Mulheres em Istambul (1935), na Comissão Internacional de Mulheres (1942) e no Congresso Internacional Feminino pela Paz e Desenvolvimento (1967). Além disso, fazia parte do Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura, do Instituto Histórico de Ouro Preto, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Associação dos Artistas Brasileiros, da Associação Cristã Feminina, da Sociedade Americana de Escritores e Artistas de Havana, da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, do Instituto Brasil-EUA, Brasil-Chile e Brasil-Bolívia.

Monteiro e et.al. (2019) afirmam que o fundo Anna Amélia no CPDOC subverte a lógica daqueles arquivos femininos que eram considerados apenas por conta da atuação de homens que estabeleciam relações de parentesco. No caso de Anna Amélia, seu arquivo não a apresenta apenas como esposa de Marcos Carneiro de Mendonça, muito pelo contrário. Apesar disso, ao realizamos buscas no portal de Teses e Dissertações da Capes, não localizamos nenhum trabalho que trate especificamente dessa mulher. Consideramos por conta disso, uma personagem a ser destacada.

Há uma grande quantidade de documentos no fundo Anna Amélia no acervo digital do CPDOC, totalizando 7.326 páginas. Encontram-se organizado em seis categorias, são elas: literatura; militância estudantil, militância Feminista; participação e colaboração em associações, órgãos e institutos; documentos póstumos; vida privada. Entre essa documentação bastante diversa, que pode ser pensada como fontes para pesquisas, há uma grande diversidade de vestígios sobre a vida pública e privada dessa mulher. A partir deles é possível explorar sua atuação em diversos espaços, a constituição de sua memória após a morte, e, alguns deles, como as cartas pessoais disponíveis, permitem fazer conhecer sua rede de sociabilidade.

Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) publicou diversos livros ao longo de sua vida, entre os quais "Rito pagão" (1922) e "A seara de Caim" (1952). Em sua vida pública, atuou como delegada na Conferência Interamericana de Consolidação da Paz (1936), na Conferência Internacional Americana (1938), no Congresso da União Latina (1951), na Assembleia Geral da ONU (1951) e no Congresso da União Latina (1954). Além de representar o Brasil na Comissão Interamericana de Mulheres (1939) e no Congresso Eucarístico Internacional (1934), foi diretora em Diários Associados (1945), colaboradora da *Revista Careta*, representante da Paraíba no Congresso Feminino Internacional (1930), diretora dos *Diários Associados*, encarregada das sucursais de Lisboa, Madri e Paris (1945) e eleita membro do conselho consultivo do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (1954).

Em pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da Capes, localizamos a Dissertação de Luiza Gabriele Maia Silva, produzida no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2014, com o título "O protagonismo de Rosalina Coelho Lisboa na vida pública brasileira entre 1921 e 1956". O qual se propõe analisar a trajetória de Rosalina, no que concerne a sua atuação nos meios literários, feminista e político. Limita-se a investigar o período em que a escritora foi mais ativa na vida pública nacional, entre 1921 e 1956.

O fundo dedicado a Rosalina Lisboa no CPDOC contém apenas 588 páginas e está organizado em correspondências e documentos sobre o Congresso da União Latina. Apesar de pequeno, um olhar mais detido permite levantar problemas quanto a sua participação neste congresso e também pensar suas redes de sociabilidade e atuação a partir das cartas disponíveis. Inclusive um mapeamento dessas correspondências permitiria ampliar possibilidades de buscas em outros arquivos, à medida que novos indícios surjam, como por exemplo, em arquivos pessoais de pessoas do seu convívio.

Almerinda Farias Gama (1899-1992) foi advogada, jornalista, tradutora, sindicalista e escrevente juramentada, além de colaborar em periódicos paraenses e cariocas, produziu obras como "Zumbi" (1942) e "O dedo de Luciano" (1964). Uma das primeiras mulheres negras a atuar na política no século XX, se inseriu na luta pelo voto feminino e integrou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Representou o Sindicato dos Datilógrafos e

Taquígrafos do Distrito Federal, por ela fundado, na Assembleia Nacional Constituinte de 1934, sendo a única mulher delegada classista. Além de ter atuado como presidente do Partido Socialista Proletário do Brasil até 1937 e candidatou-se a Câmara Federal sem sucesso.

O CPDOC realizou entrevista com Almerinda, em 1984, publicada no livro “Velhos Militantes” (1988), e produziu um curta metragem com título “Almerinda, a luta continua” disponibilizado no canal da FGV no Youtube. Em busca no banco de Teses e Dissertações da Capes, localizamos a dissertação de Patrícia Cibele da Silva Tenorio cujo título foi “A vida na ponta dos dedos: a trajetória de vida de Almerinda Faria Gama (1899-1999) – feminismo, sindicalismo e identidade política”, defendida em 2020, no programa de pós-graduação em História da Universidade de Brasília (UNB). Tomou por objetivo investigar a trajetória de vida de Almerinda, privilegiando dois períodos: os anos de sua atuação pública na década de 1930 e sua velhice, entre 1980 e 1990. Tendo como umas de suas fontes o arquivo do CPDOC, de onde inclusive surge para a autora o desejo de escrever sobre Almerinda.

No caso de Almerinda, o arquivo do CPDOC disponibiliza apenas 11 páginas, categorizados como “documentos pessoais” e “diversos”. Apesar do resumido número de documentos, conforme destacado Monteiro et. al. (2019) a própria ausência dessa e de outras mulheres negras nos arquivos levantam discussões sobre o silenciamento imposto as narrativas e as vivências de mulheres negras.

Apesar disso, a disponibilização pelo CPDOC do acervo dessas e de outras mulheres colabora para a realização de muitas pesquisas, tendo em vista que as fontes são disponibilizadas digitalmente, ou seja, encontram-se totalmente digitalizados e por meio de busca é possível consultar todos os documentos do arquivo de modo online. Além de lançar luz sob mulheres pouco ou ainda não estudadas.

Ao consultar os arquivos de Almerinda Farias Gama, Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça e Rosalina Coelho Lisboa, observamos a variedade de documentos disponíveis e as diversas possibilidades de trabalho no campo da História da Educação que podem ser realizados a partir deles.

Na História da educação, o trabalho com personagens femininas ainda que seja pequeno, entre diversas problemáticas possíveis, tem buscado investigar as trajetórias, atuações, memória e redes de sociabilidades. No âmbito das histórias de vida dessas mulheres, há outros possíveis caminhos de investigação, como bem destaca Silva, Orlando e Dantas (2015), ao tratarem as viagens de mulheres colocam em foco à experiência adquirida por esses personagens em diferentes aspectos, sejam eles referentes aos intercâmbios, à formação docente, à própria circulação de ideias, saberes e práticas pedagógicas, em diferentes contextos e realidades.

Este trabalho nos permite compreender a importância de lançar luz sobre arquivos femininos como os do CPDOC, por sua riqueza de fontes que apontam informações sobre as

experiências, lutas e conquistas dessas mulheres ao longo do tempo. No campo da História da Educação ainda há muito para explorar em relação à trajetória e atuação dessas mulheres conforme podemos perceber.

REFERÊNCIAS

CERCHIARO, M. M.; ALVES, C. Mulheres, histórias e arquivos. *História e Cultura*, v. 11, n.1, jul. 2022. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/163>. Acesso em: 28 mar. 2023.

GARRIDO, A. G.. Os arquivos femininos do CPDOC através da experiência do “escola do acervo”. *História e Cultura*, v. 11, n.1, jul. 2022. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/163>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MONTEIRO, A. N.; COSTA, A. B. O. M.; ALVES, C. G. e MENDES, J. M. Arquivos pessoais de mulheres: a experiência da escola de ciências sociais (FGV CPDOC). *IX Seminário de Saberes Arquivísticas Internacional*, 2019. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/ixsesa/ixsesa/paper/view/4634/2810>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SILVA, A. L.; ORLANDO, E. A.; DANTAS, M. J. (org.). *Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas*. Curitiba: CRV, 2015.

SOIHET, R.; PEDRO, J. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. V. 27, n. 54, 2007. Disponível em:

www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a15v2754.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

[1] Este trabalho recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de financiamento 001.